

VERAS, HERMES DE SOUSA. *O SACERDOTE E O APRENDIZ: ANTRPOLOGIA DE UM TERREIRO AMAZÔNICO*. BELO HORIZONTE: LETRAMENTO, 2021. P. 170¹

*Taylor de Aguiar*²

“De mim, o senhor não sabe nada”. A impressão desta frase de Caboclo Zé Raimundo na contracapa do livro *O Sacerdote e o aprendiz: antropologia de um terreiro amazônico*, de Hermes de Sousa Veras, poderia causar ao/à leitor/a duas sortes de reação: uma primeira associá-los a um escândalo; uma segunda, a uma empolgação. É sabido que os humores de leitura, articulados no contato com qualquer gênero literário, dependem muito da ultrapassagem das primeiras páginas ou da contracapa de um livro. Suspeito, no entanto, que muitos antropólogos, notadamente clássicos, se escandalizariam ao se deparar com a frase aparentemente cabal: “o senhor não sabe nada”. Por meio dela, Caboclo Zé Raimundo estaria desafiando a objetividade científica da antropologia? Obviamente, qualquer resposta a essa pergunta depende de convicções teóricas e epistemológicas. Mas as duas possibilidades de reação à afirmação, ainda que caricaturais, refletem posições históricas e bem definidas em relação à prática etnográfica.

O autor de *O Sacerdote e o aprendiz* opta deliberadamente por não se escandalizar com a constatação de seu parcial desconhecimento. Antes, ele se empolga com esse fato e se empenha em afirmar a dimensão inacabada de seu trabalho, submetendo-o ao escrutínio de quem juntamente com ele foi construtor da etnografia. É assim que Caboclo Zé Raimundo opina sobre a versão final do texto, e que Maria Padilha, indagada sobre a

¹ Como citar: AGUIAR, Taylor de; VERAS, Hermes de Sousa. *O Sacerdote e o aprendiz: antropologia de um terreiro amazônico*. Belo Horizonte: Letramento, 2021. p. 170. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 21, n. 40, p. 497-504, 2021.

² Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: taylor.aguiar@ufrgs.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2734-4888>.

viabilidade da ideia da publicação da dissertação do autor (Veras, 2015) em livro, responde que “pode sim, mas [que] tem que mudar umas coisas que tá lá, tirar umas e acrescentar outras”. Não importa, a rigor, se Caboclo Zé Raimundo e Maria Padilha são entidades espirituais, se estabelecem modos de presença no mundo bastante diferentes dos nossos, e menos ainda se são antropólogos ou não. Pois Hermes Veras posiciona-se nessa relação como um aprendiz – o que acontece ao/à leitor/a se tornar no decorrer do ato da leitura, que é transformativo –, e não considera, de forma alguma, exercer uma autoridade suprema sobre o conhecimento de que se ocupa. Ele preconiza abertamente uma perspectiva alternativa, que enfatiza a co-presença do pesquisador com as forças que encontra em seu campo. E essa percepção molda toda a sua etnografia.

Experimento etnográfico empolgante: aprendizagem em um terreiro amazônico. O livro aqui resenhado empolga todo aquele que não tem medo e nem vergonha de ser aprendiz. Daqui em diante, gostaria de rabiscar brevemente alguns detalhes dos capítulos que compõem a obra do autor, demonstrando vários motivos para uma atitude de empolgação. Logo após, retomo reflexões que o trabalho é capaz de nos instigar a respeito da etnografia. Adianto que, ao longo dos quatro capítulos, é-nos possível perceber um fio condutor comum. Ele se reveste da mesma preocupação teórico-metodológica-epistemológica que insere o autor nas fileiras dos antropólogos não-escandalizados com o fato de “não saber nada” sobre algo. Esse elemento é precisamente o fio da experiência, que Hermes Veras busca desenrolar ao conviver e dialogar com diversas forças. Já nos momentos iniciais do prólogo e da introdução, elas transpõem as páginas frias e iniciam uma transformação em quem lê a escritura. A mágica, desta forma, começa a ser feita: a experiência do antropólogo passa a ser, em alguma medida, a do/a leitor/a. O primeiro passo para a transformação é perceber-se enlameado sob a chuva na rua de acesso ao Terreiro de Mina Deus Esteja Contigo, em Ananindeua, na Grande Belém. Este é o lugar central do texto, onde as forças que afetam o aprendiz em campo afluem, guiam-nos e nos ensinam algo sobre como nos tornar bons aprendizes do e no trabalho etnográfico.

Desde os primeiros contatos do antropólogo com essas forças, podemos acompanhar a trajetória de suas indagações, inquietações e pressuposições mais corriqueiras. Ao que parece, o interesse da comunicação com o mundo do terreiro foi moldado por influências tanto pessoais quanto acadêmicas. Dona Maria e Thayanne, com quem Hermes Veras já tinha estreitas ligações, foram fundamentais na abertura dos caminhos para a realização de sua vontade de iniciar uma pesquisa etnográfica no terreiro que ambas frequentavam. “Arrebatado” do Ceará para o Pará, ele repentinamente se viu imerso em um mundo novo e desafiador. Compreender a “cosmologia antropofágica e agregadora” (p. 21) do coletivo religioso afro-amazônico constituído no âmbito do Terreiro de Mina Deus Esteja Contigo foi o objetivo traçado pela pesquisa. O projeto entrou em marcha com as marcas de uma postura profundamente ética e respeitosa do pesquisador em relação à alteridade do terreiro e da pessoa que tão bem articulou a composição do livro em vários de seus aspectos: Pai Álvaro Pizarro, Sacerdote da casa.

A trajetória de vida e as múltiplas experiências religiosas do zelador de santo são o foco do primeiro capítulo, intitulado “O Sacerdote & suas entidades”. Pai Álvaro é descrito a partir da construção do que Hermes Veras chama de um “personagem etnográfico” (p. 34). Isto não apaga a sua concretude existencial, mas apenas situa a narrativa sobre a biografia do Sacerdote como uma relação estabelecida entre o sujeito etnográfico e as percepções do antropólogo e dos/as leitores/as da obra. É interessante que grande parte do capítulo é destinada à transcrição de relatos pessoais de Pai Álvaro sobre os itinerários que percorreu e tem percorrido em sua vida, um aspecto bastante elucidativo que nos permite acompanhar de perto mais uma dimensão da abertura do trabalho ao aprendizado com o outro. Esse processo de transcrição não consistiu simplesmente em uma transposição dos áudios gravados em entrevistas para o texto, e sim em uma negociação, uma mediação efetivada no diálogo entre Sacerdote e aprendiz. Pai Álvaro seleciona de sua memória aqueles elementos que condizem com uma aproximação entre a formação de sua identidade e a fundação do

terreiro. Surpreendendo mesmo aos/às leitores/as mais acostumados/as com histórias biográficas de intenso trânsito religioso, ele aponta para um solo de muitas sementes, onde germinou a própria vitalidade de sua experiência. Criado em São Paulo, em uma família de pais fervorosamente católicos, fora levado por um irmão mais velho a um terreiro de Umbanda por volta dos 17 ou 18 anos de idade, à época em que sua mediunidade começava a se manifestar e ele “rodava no santo” em qualquer momento, em qualquer lugar e “por qualquer coisa” (p. 40). Se isso, a princípio, lhe causava confusão e uma certa vergonha, o recebimento das entidades preocupou sobremaneira seus pais, que o levaram a uma igreja evangélica pentecostal em busca de possível libertação. Depois de lá, Álvaro Pizarro conheceu as Testemunhas de Jeová e, de maneira não menos surpreendente, encontrou naquele meio religioso uma mulher que dizia ter “revelações do Espírito Santo” e que tinha ligações com um terreiro e um pai de santo. Foi através dela que Álvaro chegou ao terreiro de Pai Pércio e pôde se vincular por algum tempo à Umbanda. Novamente outra mudança, ocasionada pela pressão de preconceitos e perseguição religiosa, fê-lo aderir ao Budismo, religião em que passou 14 anos e na qual alcançou um notório grau de conhecimento, respeitabilidade e certa “elevação espiritual”. Com quase 40 anos de idade, Álvaro alcança Belém, no Pará, onde finalmente se reencontra com suas entidades e as religiões de matriz africana.

Acompanhar esse percurso nos seus pormenores é algo que deixo à liberdade curiosa de cada leitor/a em particular. O que vale ressaltar aqui é o atravessamento das muitas influências religiosas e cosmológicas na vida de Pai Álvaro, o que contradiz uma espécie de lógica de escolha racional que insiste em bater à porta de algumas de nossas interpretações acadêmicas mais corriqueiras. À primeira vista, uma explicação sociológica assentada em proposições teóricas individualizantes seria insuficiente para discernir as razões do trânsito de Pai Álvaro. Pois se houvesse um indivíduo todo coerente, à maneira de uma unidade discreta cujos hábitos e disposições fossem governados por auto ponderação intelectual, e que participasse, assim, de uma lógica seletiva centrada na religiosidade individual, Álvaro Pizarro estaria de fora dessa esquematização.

A raiz dessa inadequação teórica e desse “desenquadramento” se situa em algo que fica evidente no livro de Veras: o Sacerdote nunca está sozinho, mas sempre acompanhado de suas entidades e das forças que o compõem. Neste sentido, não podemos olhar para a sua trajetória religiosa como um processo linear de transformação. Ela é marcada por um compósito experiencial pouco afeito a classificações rígidas como essa.

Poderíamos somar às entidades o terreiro, na consideração dessa composição total que é o Sacerdote e zelador de santo. O segundo capítulo, “Que terreiro é esse? Pisa devagar”, mostra-nos uma imagem ampla desse espaço consagrado e repleto de forças denominado Terreiro de Mina Deus Esteja Contigo. Um terreiro de Mina Nagô, a princípio, mas também de Umbanda, de Kardecismo, de Catolicismo Popular... Como classificar o terreiro, o Sacerdote, as entidades, a religião, a experiência? Hermes Veras chama a atenção para o fato de que o anseio classificatório relativo às religiões afro-brasileiras é um tanto quanto vão, e que a dificuldade em classificar o terreiro é, ademais, “etnográfica” (p. 82). Isso faz todo o sentido se levarmos a sério a asserção de Pai Álvaro: “a Nação é uma transformação”. O terreiro e a religião são compósitos, tal como o Sacerdote o é. Sua constituição evidencia essa pluralidade. Um breve esboço genealógico da casa fornece um panorama das pessoas e entidades que fazem parte de sua história presente e passada – como Mãe Marajó e Maria Padilha, por exemplo –, visibilizando as estruturas de hierarquia e parentesco específicas do terreiro. Esquemas de hierarquia e parentesco que, aliás, são cruciais para os coletivos religiosos afro-brasileiros de uma forma geral, e cuja apreciação não poderia estar de fora da etnografia. O encontro com Oxum, Oxóssi, Iansã, Exu Capa Preta, Ogum-São Jorge, o Preto Velho, as princesas Tereza Légua, Mariana, Herondina e Jarina, Cosme e Damião e muitos/as outros/as se realiza como uma visita à casa da família que é o terreiro. Parte dessa família, e também dessas forças, se apresenta em cada fotografia disposta ao final do capítulo. A descrição do espaço do terreiro, portanto, não se prende à estrutura física, ainda que a leve em conta, mas abarca, sobretudo, as presenças que por ali circulam e os eventos que ali acontecem.

Tais eventos são trazidos à baila da escrita no terceiro capítulo, “Agregando divindades, irradiando forças”. São dois os rituais públicos do terreiro – a “gira” e a “mesa branca” –, que Veras acompanha e descreve como momentos de “irradiação” de forças. Essa “irradiação”, argumenta o autor, “é um movimento de dispersão, espalhamento geográfico” que “parte de uma entidade para outra, de um deus ou deusa para uma mulher ou homem” (p. 107). Imbricado a este processo e indissociável dele existe um movimento de agregação, denominado “falange”, que consiste em uma reunião de forças pelo compartilhamento de uma série de origens e elementos comuns. No ritual, a agregação da “falange” antecede a dispersão da “irradiação”, embora isso não aconteça de forma sempre imediata. Os dois conceitos ilustrados pelo autor, nos permitem olhar para a “gira”, ou “tambor”, como uma instância vital da produção da experiência compósita no mundo. Nada acontece neste ritual sem que ocorram afetações multidirecionais entre corpos, objetos, orixás, caboclos e sons. É difícil, neste contexto, discernir as fronteiras entre ação e pensamento, justamente porque ambas as categorias se justapõem. Seria exercício malogrado tentar entender as operações aí abundantemente presentes, envolvendo entidades e santos, ora como afro religiosas, ora como católicas. O mesmo acontece com a “mesa branca”, caracterizada por apresentar um rito muito próximo de referências kardecistas, envolvendo a comunicação com os mortos e a cura de enfermidades por “passes”. Identificar o que é propriamente kardecista é, novamente, uma questão etnográfica. Estamos diante de um sistema ritual que opera em bases ecléticas e não-excludentes. No oposto aos rituais públicos, há aqueles de caráter mais ou menos secreto, como o “corte”, que Veras pôde acompanhar por contingências da vida em campo. Uma das descrições mais estimulantes de todo o livro reside nas páginas em que podemos compreender algo do percurso das “irradiações”, desde a “gira” antecedente ao “corte” até à ingestão da sopa servida ao coletivo, passando pelas minúcias do sacrifício de sangue dos galos e pelo pequeno conto que satiriza os antropólogos como galos-mediadores.

O capítulo final, “Conversas sobre leituras: apreensão cosmológica de livros”, une as dimensões da experiência, da aprendizagem e da afetação em uma discussão sobre as implicações de uma relação peculiar estabelecida

entre o Sacerdote e o aprendiz no encontro que se origina com a etnografia. Pai Álvaro não é um ingênuo informante de pesquisa, mas um participante ativo nas discussões que esta engendra. Ele procura contribuir para o trabalho antropológico na medida em que elabora uma articulação profícua entre experiência e conhecimento. Ter “fundamento” é, para o Sacerdote, ser um aprendiz. E isso inclui tanto uma relação de abertura para com os saberes ancestrais e as forças da natureza quanto o cultivo de um hábito de leitura das produções teológicas e socioantropológicas sobre as religiões afro-brasileiras. Não é sempre que se percebe etnograficamente aquilo que Roy Wagner (2012) chamou de “antropologia reversa”, ou seja, um regime de associação entre o conhecimento “nativo” e o conhecimento “científico” que faz com que o “nativo” se torne um antropólogo de seu pesquisador. Quando Hermes Veras reconhece o enquadramento de sua pesquisa pelo Sacerdote como uma “missão” que o aprendiz deveria encarar por razões misteriosas, ele está levando a sério o que os outros dizem – e o que as forças fazem. Diferentemente de um colecionista, ele não se contenta em colher dados empíricos e analisá-los sob uma ótica qualquer, mas partilha experiências e conhecimentos sobre o mundo e *aprende*, inserindo-se em um registro de conhecimento onde a antropologia é, sobretudo, educação (Ingold, 2019).

Ler *O Sacerdote e o aprendiz* é, portanto, pôr-se em aprendizagem. É unir-se ao seu autor no que há de mais interessante no exercício etnográfico: o contato com outras formas de ser e estar no mundo e a feitura de uma antropologia atenta ao seu compromisso contemporâneo com formas não-autoritárias de descrição e análise. De fato, não há no livro um abandono do arcabouço de conhecimentos que a antropologia traz à convivência com as religiões afro-brasileiras e, mais particularmente, afro-amazônicas. Há, sim, um incremento delas através dos conhecimentos do Sacerdote e seu terreiro. Como bom escritor, Hermes de Sousa Veras sabe que tem de ser respeitoso com seus personagens, etnográficos ou não. A antropologia de um terreiro amazônico empreendida por ele é, antes de tudo, uma antropologia *com* o terreiro, seu Sacerdote, suas entidades e suas forças. Longe de ser sinal de fraqueza do trabalho, o recebimento do recado de Caboclo Zé Raimundo

pode ser interpretado como uma chancela de que melhor sabe quem nada sabe, e quem, por isso, muito aprende. Se Caboclo Zé Raimundo e Sócrates não compartilham origens comuns, ou se não são da mesma “falange” – ao menos até onde se sabe –, eles chegaram a conclusões absolutamente idênticas. “Não saber nada” é encarar metodológica e epistemologicamente a etnografia como experimento (Peirano, 1995), como uma abertura para o que não se reduz aos nossos próprios termos. É empolgante, e não escandalizador, compreender essa outra vocação da antropologia, bastante distinta de seu germe colonizador. “Não saber nada” é, simultaneamente, o ponto de partida e o ponto de chegada dos que se comprometem com uma relação de respeito para com a alteridade.

REFERÊNCIAS

- INGOLD, Tim. *Antropologia: para que serve?* Petrópolis: Vozes, 2019.
- PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- VERAS, Hermes de Sousa. *O Sacerdote e o aprendiz: etnografia, experiência e ritual em um terreiro de Mina Nagô na Amazônia*. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Belém: Universidade Federal do Pará, 2015.
- WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

Recebido em: 15/08/2021

Aprovado em: 15/08/2021